

Titulo do projeto: Antropologia e ecologia: outras alteridades, novos pactos

Proponente: Prof. Dr. Stelio Marras (IEB/USP)

Período: Julho a dezembro de 2017

Resumo:

Uma parte importante e altamente influente do pensamento contemporâneo parece claramente sublinhar, das mais diversas maneiras e a partir de diferentes solos de pesquisa, uma forte e renovada crítica ao antropocentrismo da modernidade, este que se alimenta do especicism e da excepcionalidade do humano, tal como aí concebidos e praticados. A origem dos pensadores inscritos nessas vertentes é também diversa: são filósofos e antropólogos, ecólogos e biólogos, uma ampla gama de cientistas naturais e sociais que apontam para o esforço já incontornável de se produzir conhecimento a partir do cruzamento de disciplinas que, diante de uma série de problemas atuais, não mais se deixam descansar em sua, digamos, disciplinaridade. Tudo leva a crer que agora a interdisciplinaridade não mais se apresenta como uma opção se quisermos devidamente enfrentar um conjunto interligado de problemas que mais e mais nos assombram: erosão da biodiversidade a par da sociodiversidade; ameaças crescentes à segurança alimentar; poluição e envenenamento de solos, rios, oceanos e atmosfera; elevação do nível dos mares; esgotamento de recursos (e da própria noção de recurso, vale adiantar) e um sem fim de problemas conexos e derivados do aquecimento do globo. Como a antropologia aí se situaria? Sem dúvida que o método etnográfico, cunhado e desenvolvido de diversas formas pela disciplina, segue vigorando como dos mais auspiciosos na percepção fina e ampliada da realidade múltipla de diagnósticos e prognósticos. Contudo, a hipótese do presente projeto aposta que o objeto da disciplina (tradicionalmente tomado como “cultura” ou “sociedade”) reivindica revisão urgente diante dos desafios que os referidos problemas colocam, já que estes emergem agora, mais do que nunca, à revelia das não menos tradicionais separações epistemológicas, ontológicas e de tarefas entre ciências da matéria e ciências do espírito. Sendo assim, o fundamento da ciência antropológica, calcado no Princípio da Troca ou Reciprocidade, deve igualmente ser revisado neste momento em que os sujeitos implicados nesse princípio não se deixam mais reduzir aos humanos-entre-eles. Uma nova aliança entre natureza e sociedade se impõe e reclama atenção justamente neste momento em que esses termos (natureza e sociedade) se mostram, no mesmo ato e paradoxalmente, insuficientes como categorias de análise.

Objetivos:

“Senhoras e senhores, olhai-nos.
Repensem a tarefa de pensar o mundo”.
Hilda Hilst, "Poemas aos homens do nosso tempo I", 1974

“If I am right, the whole of our thinking about what we are and what other people are has to be restructured”.
Gregory Bateson, An Ecology of mind (A film by Nora Bateson)

Uma parte importante e altamente influente do pensamento contemporâneo parece claramente sublinhar, das mais diversas maneiras e a partir de diferentes solos de pesquisa, uma forte e renovada crítica ao antropocentrismo da modernidade, este que se alimenta do especicism e da excepcionalidade do humano, tal como aí concebidos e praticados. A origem dos pensadores inscritos nessas vertentes é também diversa: são filósofos e antropólogos, ecólogos e biólogos, uma ampla gama de cientistas naturais e sociais que apontam para o esforço já incontornável de se produzir conhecimento a partir do cruzamento de disciplinas que, diante de uma série de problemas atuais, não mais se deixam descansar em sua, digamos, disciplinaridade. Tudo leva a crer que agora a interdisciplinaridade não mais se apresenta como uma opção se quisermos devidamente enfrentar um conjunto interligado de problemas que mais e mais nos assombram: erosão da biodiversidade a par da sociodiversidade; ameaças crescentes à segurança alimentar; poluição e envenenamento de solos, rios, oceanos e atmosfera; elevação do nível dos mares; esgotamento de recursos (e da própria noção de recurso, vale adiantar) e um sem fim de problemas conexos e derivados do aquecimento do globo. Como a antropologia aí se situaria? Sem dúvida que o método etnográfico, cunhado e desenvolvido de diversas formas pela disciplina, segue vigorando como dos mais auspiciosos na percepção fina e ampliada da realidade múltipla de diagnósticos e prognósticos. Contudo, a hipótese do presente projeto aposta que o objeto da disciplina (tradicionalmente tomado como “cultura” ou “sociedade”) reivindica revisão urgente diante dos desafios que os referidos problemas colocam, já que estes

emergem agora, mais do que nunca, à revelia das não menos tradicionais separações epistemológicas, ontológicas e de tarefas entre ciências da matéria e ciências do espírito. Sendo assim, o fundamento da ciência antropológica, calcado no Princípio da Troca ou Reciprocidade, deve igualmente ser revisado neste momento em que os sujeitos implicados nesse princípio não se deixam mais reduzir aos humanos-entre-eles. Uma nova aliança entre natureza e sociedade se impõe e reclama atenção justamente neste momento em que esses termos (natureza e sociedade) se mostram, no mesmo ato e paradoxalmente, insuficientes como categorias de análise.

Essas questões que o projeto em tela deve enfrentar foram emergindo ao longo das mobilizações bibliográficas e das profundas experiências interdisciplinares e de interlocução com colegas, alunos e pesquisadores (graduação e pós-graduação) na trajetória feita de cursos, debates, artigos, orientações, mesas, conferências e participação em bancas de mestrado e doutorado. Tais atividades me colocaram, de fato, diante dos desafios, cada vez mais urgentes, de se atravessar disciplinas ou domínios do conhecimento de forma radical, sem contudo perder de vista o controle científico no cercamento de temas e bibliografia correspondentes. A urgência diz respeito a uma série de questões que podem resumidamente ser indicadas em dois grandes tópicos, conforme segue:

1) insuficiência de perspectivas estritamente disciplinares que se definam em unidades de análise essencializadas ou substancializadas em seres e entes (p.ex., a unidade “humano”, para o caso da antropologia) diante de problemas (tais os chamados “ambientais” ou “ecológicos”) que emergem como irreduzivelmente complexos¹ para as tradicionais reduções operadas entre o que seja da esfera social e o que seja da esfera natural, o que põe como exigência já incontornável o cruzamento cooperativo de saberes e práticas de origens acadêmicas e extra-acadêmicas;

2) revisão da noção e da prática da Troca/Reciprocidade, que se convencionou como fundamento do social e que está na origem da inauguração e reflexão antropológica moderna (Mauss (...); Lévi-Strauss (...)). Mas como agora sustentar esse fundamento intra-humano (ou a herança do Contrato Social em suas diversas faces) diante de sua operação para além dos humanos-entre-eles? Ou seja: como reconhecer o alargamento das trocas (tais as trocas com os ditos não-humanos) em um momento decisivo (tal o contemporâneo dos gravíssimos problemas ecológicos ou ambientais)?

O enfrentamento dessas questões, a partir da hipótese levantada, passará obrigatoriamente pelo trabalho de bem mapear e articular esse pensamento contemporâneo (ou o pensamento que se conecta fortemente com a problemática referida) – tarefa esta necessariamente integrante deste projeto. Tal pensamento diz respeito a um rol de autores que vem exercendo grande impacto no modo como repor os referidos problemas e indicar alternativas. Refiro-me a nomes² como Isabelle Stengers, Bruno Latour, Tim Ingold, Donna Haraway, Eduardo Viveiros de Castro, Marilyn Strathern, Peter Sloterdijk, Eduardo Kohn, Bruce Albert e Davi Kopenawa, Marisol De La Cadeña, Anna Tsing, Stefan Helmreich, Thom van Dooren, Julie Cruikshank... A esses autores que seguem em produção na atualidade conectam-se outros aí mesmo retomados por suas pesquisas e inspirações. Dentre estes, vale logo destacar Gabriel Tarde, Gregory Bateson, Jacob Von Uexkull, James Gibson, Gilbert Simondon, Deleuze e Guatarri, Alfred Whitehead, William James, John Dewey, Michel Serres... Não se trata aqui de esgotar a lista de autores a serem tratados, já que será o próprio tratamento das questões deste projeto que irá alinhá-los e mobilizá-los, bem como a outros, de forma a dar um contorno controlado ao que estou aqui denominando “pensamento contemporâneo”.

Não será por acaso que os autores a serem aqui examinados, a partir das questões que animam este projeto, sejam de diferentes origens de formação, como se uma fina orquestração fosse emergindo, mas sem que essa afinação deva se dar em sacrifício das diferenças que os situam. Para além ou aquém de suas diferenças em relação a campos, domínios ou objetos próprios de disciplinas, tais autores parecem claramente jungir-se na crítica ontológica e epistemológica da modernidade que supõe (não sem significativos efeitos) distinções ou descontinuidades como entre organismo e ambiente, conteúdo e contexto, ser e mundo, mas

¹ Atenho-me aqui, em especial mas não exclusivamente, à noção de complexidade e ciências complexas tal como desenvolvida pela química e filósofa belga Isabelle Stengers (1979) no livro em co-autoria com o químico Ilya Prigogine

² As obras desses autores, em especial as diretamente pertinentes a este projeto de pesquisa, estão indicadas abaixo em Referências Bibliográficas. Daqui adiante, no texto deste projeto, mencionarei especificamente cada referência quando for o caso.

também pessoa e coisa, humanos e não-humanos, sujeito e objeto, natureza e sociedade, ciência e política etc. Cada qual oferece imagens do real que, em comum, apostam na continuidade ou alta relacionalidade do que antes aparecia como termos (domínios, ontologias, agentes) existentes anteriormente às relações que travam na prática. É daí a insistência pela abordagem dos seres-em-relação, seres-em-transformação, organismo-no-ambiente, seres-devires, ontologias emergentes, monadologia aberta etc., cujo movimento, captado pelas pesquisas (muitas destas etnograficamente motivadas), indicam suficientemente uma espécie de rebelião dos objetos (não mais mudos, inertes ou passivos, não mais previsíveis ou estáveis, como se seu comportamento pudesse ser adiantado por nossa simples manipulação ou gerenciamento). De reativos, tornam-se respondentes. De disciplinados, tornam-se indisciplinados. Eis o bastante para disparar uma outra atenção científica, uma muito mais ciosa em relação à domesticação científica prometéica e perigosamente praticada em seus sulcos disciplinares até então estáveis demais e isentos ou protegidos das consequências de suas atividades. Como então renovar a crítica às (das) ciências sem com isso nos desfazermos das ciências? Eis o desafio de meio-fio e um tanto diplomático deste projeto que deve, assim, se ater ao que a filósofa belga Isabelle Stengers (2002) denomina como “restrição leibniziana”, a saber: produzir conhecimento sem “ferir os sentimentos estabelecidos”.

Também em comum, esses autores deitam especial atenção à pragmática dos eventos – isto que tão bem se aproxima da abordagem de campo etnográfica, típica da antropologia, mas que também está na origem dos atuais chamados (tais algumas importantes vertentes da produção filosófica hoje em curso) por uma “virada metafísica” (cf, p. ex. Maniglier: 2012). Mas o que não aparecia como típico da antropologia (senão sob a alcunha tão insuficiente e enganosa do “etno”, tal uma etnobotânica, uma etnozootologia, uma etno-política e assim por diante) é o que agora já podemos denominar de etnografia dos não-humanos. A rigor, contudo, não se trata de substituir uma etnografia (humana) por outra (a dos não-humanos), mas sim de “simetrizar” ambas (Latour: 1991). Trata-se, em resumo, de avaliar a pertinência de uma etnografia/antropologia não bem de seres, entes ou termos, mas sim do *entre*, isto é, do que ocorre na relação entre eles, sem com isso supor o “eles” já formado antes das relações que irão experimentar em suas práticas. Essa tarefa inovadora, ainda muito tímida face às tradições consolidadas da produção do conhecimento acadêmico, deve ser bem nomeada, descrita, articulada, refletida e submetida a provações. Tarefa esta, enfim, que se afigura como passagem obrigatória do presente projeto. De fato, não será possível (convicente ou verossímil) postular o alargamento da noção e prática da Troca (objeto primeiro deste projeto) sem antes considerar com minúcia e aplicação os procedimentos caros à empresa científica, tal o caráter exaustivo do levantamento de dados, tais as provas, contraprovas e resistências que se interpõem às hipóteses que se quer testar. Nada de objetividade sem objeções. Daí que será inevitável (objeto subsidiário deste projeto) fazer um balanço do pensamento desses autores (sempre vis-à-vis a seus campos etnográficos ou seus solos de experiência do real, assim mantendo-se rente ao controle metodológico científico).

Vale já reiterar que as confluências desses autores não será operada a despeito da riqueza de suas diferenças – estas a serem a cada vez explicitadas ao longo das argumentações. Nada de consensos sem controvérsias. Eis porque o programa de mapeamento de controvérsias sociotécnicas (capitaneado por Latour e boa parte dos autores alinhados aos *Science and Technology Studies – STS*) ganha aqui plena pertinência. Ou seja, o interesse aqui em relação a essas controvérsias (nunca puramente sociais e nunca puramente técnicas, se assim confiarmos na metodologia da *Actor-Network-Theory - ANT*) diz respeito a multiplicar versões, alternativas, modos de entrada, caminhos possíveis, diagnósticos e soluções. Um tal procedimento de seguir as redes parece necessariamente implicar uma desaceleração tanto da geração de conhecimento quanto da implementação de práticas daí derivadas. De fato, o tema da desaceleração toma o horizonte de preocupações desse estrato do pensamento contemporâneo, ora em tela, se coaduna com uma série de movimentos sociais da atualidade (*slow movements*), estes que respondem por diversas rubricas: *slow food*, *slow design*, *slow travel*, *slow home*, *slow money*, *citta slow*, *slow medicine*, *slow life* etc. O próprio Latour redefine a tarefa da sociologia segundo o neologismo “*slowciology*” (Latour: 2005). Ainda, como a um só tempo causa e efeito do pensamento desacelerado, funda-se a “arte das consequências” (Stengers: 2013) que, segundo entendo, aproximam-se intimamente da atenção, a ser urgentemente desenvolvida (especialmente junto à modernidade e suas ciências), ao que denominei “co-respondências” entre ação de humanos e ação de não-humanos (Marras: 2015).

Ora, a atenção e o cuidado de tais regimes de co-respondências (sobretudo os que fazem ir juntos o humano e o ambiente, a antropologia e a ecologia, o social e o natural) abrem

imediatamente para um leque de temas aí mesmo intimamente conectados e que integram o objeto deste projeto de pesquisa. Refiro-me, em resumo, à habilidade altamente emergencial de “entre-responder” (Stengers: 2001) que seres e entes heterogêneos relacionados se veem impelidos a pôr em marcha; às questões de escala e velocidade na mobilização de ontologias na produção moderna (o mencionado problema da desaceleração); aos modos plurais e não-hierárquicos de compor com o que Stengers (2009) denomina como “intrusão de Gaia”. Articular esses temas (eis a principal aposta aqui) deve nos levar a rever a imagem da Troca no ato mesmo em que esta é premedida a alargar seus trânsitos para além ou aquém dos humanos-entres- eles, assim apontando para uma repactuação, uma nova aliança entre humanos e não-humanos que não mais passe pela diferença prematuramente dada entre sujeito e objeto. Já aqui se pode prever os potenciais impactos que a eleição desse novo foco etnográfico (como a etnografia multiespécies de Haraway, Anna Tsing, Stephen Helmreich etc.) trará na concepção e na prática do que tradicional e confortavelmente costumamos denominar de vida em sociedade – quando, então, aquilo que cercamos como “o social” passa a ter suas fronteiras borradas como o seu oposto, “o natural”. Como então praticarmos agora uma ciência do social sem com isso nos valeremos dos dispositivos antropocêntricos, tal a Troca intra-humana, aí pressupostos e em todo caso hoje em xeque? Eis como, em outras palavras, reitero o objeto desta pesquisa.

- **Justificativa (escopo acadêmico e científico)**

-

“Penso que as ciências humanas têm sido lentas em assumir que esta questão, que a palavra ‘Antropoceno’ resume, é a questão mais grave e urgente da história humana desde o começo da era Neolítica, e que estamos entrando em uma situação inédita para a espécie como um todo”.
Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro (2015)

O alerta do etnólogo americanista em epígrafe alinha-se com os de seus interlocutores contemporâneos, tais os supracitados. Alinha-se, ainda, ao verdadeiro manifesto cosmopolítico expresso e desenvolvido em *La chute du ciel* (2010), obra a duas mãos do xamã yanomami Davi Kopenawa e do antropólogo francês Bruce Albert. Estamos diante, portanto, de uma ressonância que é preciso caracterizar, mas sem que esse ar de família que os alinha se constitua, como já indicado, a despeito de suas distintas “ecologias do saber” (Stengers: 2000), estas que devem, no mesmo movimento de caracterização, ser consideradas.

O Antropoceno, idade geológica contemporânea que afirma as atividades humanas (isto é, sobretudo as dos modernos) como força perigosamente influente nas transformações ambientais em curso, imediatamente desautoriza uma exterioridade entre humano e ambiente que outrora (isto é, quando nos tínhamos como resolutamente modernos, purificadores de natureza e sociedade, se assim seguimos o argumento de Latour - 1991) permitiu a proliferação em escala da produção coletiva moderna do (no) mundo. O Antropoceno aparece, então, como uma face da irrupção ou “intrusão de Gaia” (Stengers: 2009) no seio desse coletivo que, agora, é forçado a encarar (Latour: 2015), em sua imanência, essa nova transcendência. Tal o céu que ameaça cair sobre nossas cabeças (Kopenawa e Albert: 2010), estamos testemunhando a entrada inevitável da natureza na política. A já antiga estabilidade das relações entre natureza, ciências e política reclama agora novos regimes de entendimento e prática. Diante da instabilidade da natureza, expressa em inúmeras ameaças ecológicas atuais, iminentes e previstas, também se instabilizam as relações entre ciências (exatas, biológicas, sociais) e política – relações antes estáveis no encadeamento entre produção do conhecimento e ação política da modernidade.

Ao longo de sua já extensa obra, Latour reitera que os movimentos ecológicos, mesmo considerando toda sua diversidade, ainda não conseguiram produzir entendimentos teóricos que se coadunem com suas práticas e seus desafios. A aposta de Latour, que cada vez mais ganha novos adeptos mundo afora, dirige-se a visibilizar as múltiplas versões objetivas³ de como superar, via acompanhamento minucioso das mediações, o caráter paralisante (tanto em relação à produção científica quanto à produção política) posto pelo salto ou *décalage* entre forças transcendentais e imanentes, entre necessidade e liberdade, entre ação natural e ação social, entre reagir e responder.

³ Ou trazer a prática oficiosa da modernidade à oficialidade, conforme expresso já desde seu livro-manifesto de 1991, e que culmina na formulação de seu Parlamento ou Democracia das Coisas (Latour: 1991) organizado pelo que esse autor denomina de “diplomacia cosmopolítica”, cujo desafio, em resumo, é o de conectar mundos sem com isso hierarquizá-los a partir de uma dada totalização ou unificação. Mas desdobrar cada um desses termos, cada uma dessas formulações, e sempre considerando as controvérsias entre os autores, é já tarefa incontornável na consecução deste projeto de pesquisa que ora proponho.

Se quisermos, um outro modo ainda de enunciar esse desafio de compreensão pode ser formulado a partir da ambiguidade – senão paradoxo que se firma na aurora do século XXI – inerente à concepção do Antropoceno. Ao tempo que o Antropoceno afirma a centralidade, sem par na história, do humano (sobretudo, claro, o humano-ocidental-industrial-científico-mercadológico) quanto às repercussões sensíveis de suas atividades no delicado equilíbrio não-linear das forças geológicas constituintes do planeta, também afirma, no mesmo golpe, sua descentralidade, já que as respostas do planeta a essa força geo-humana mostram claramente que, no dizer de Stengers (cf. Marras: 2015), “não estamos sozinhos no mundo”. Ora, compreender melhor esses vínculos cambiantes e entre-respondentes põe a esperança de que “um outro mundo é possível”, para agora reverberar este outro grito que Stengers desenvolve ao longo de sua obra (cf. Marras: 2015). Esperança, enfim, de que entendimentos melhor acurados sobre as problemáticas intrincadas de “naturezas culturas emergentes” (Haraway: 2003) possam, no mesmo passo, apresentar alternativas de solução ou mitigação para além das “alternativas infernais” (Stengers e Pignarre: 2005), que tão normalmente costumam grassar e minar a imaginação encerrada em “ou isso ou aquilo”, como p. ex. tomar de antemão, e de uma vez por todas, o partido ou da tecnofilia ou da tecnofobia (Latour: 2015) ou ainda da resignação ou da denúncia.

Como seja, aqui já temos, por ora e para os fins deste projeto, o suficiente para nos apercebermos da razão pela qual a própria noção de natureza (tomada a partir das práticas científicas) deve se submeter, a cada vez, a redefinições. Essa tarefa, mais e mais urgente, integra o rol de pesquisas desses autores em crescente interlocução. Cumpri-la exige testar novas hipóteses, tal a da *Actor-Network-Theory*, cuja difusão ainda permanece muito tímida. Ou, como nas palavras do filósofo contemporâneo alemão Peter Sloterdijk: “la teoría de las redes de actores es una hipótesis con poca recepción aun” (Sloterdijk: 2005: 24).

Entre as dificuldades dessa recepção, destaco o caráter, digamos, contra-intuitivo (já que radicalmente interdisciplinar, cruzando atividades das ciências naturais, sociais e exatas) dessa teoria (a ANT) que busca tornar comensuráveis ou comparáveis o que tanto a divisão interna da constituição moderna (natureza *versus* cultura) quanto sua divisão externa daí mesmo derivada (nós *versus* os outros) haviam tornado impossíveis. No mesmo sentido, destaco também a particularidade dessa recepção no Brasil. Refiro-me, em especial, ao problema da tradução dessas obras para o português: seja em relação à pequena quantidade de traduções de livros e artigos dessa cepa (que impacta muito negativamente a fortuna crítica disponível para a nossa língua), seja em relação aos colossais erros e equívocos de tradução para o português de boa parte dessas obras⁴.

Por fim, resta notar que a percepção desses problemas vem ocorrendo em conformidade às várias atividades que desenvolvo há anos na universidade. É fruto de pesquisas (individuais e coletivas) tanto quanto de experiências em sala de aula e na orientação formal que presto a pesquisadores de diversos níveis (Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doc). E decorre, ainda, dos intensos debates de formação e pesquisa avançada em marcha no Laboratório de Estudos Pós-disciplinares (Lapod) quer criei e coordeno há alguns anos⁵. Tais atividades de formação e pesquisa ganharão ainda maior intensidade, visibilidade e volume no

⁴ Já pude cotejar versões (do original ao traduzido) de várias dessas obras. São particularmente problemáticas, p. ex., as traduções de *Política da natureza*, *Reflexão sobre culto moderno dos deuses fe(i)tiches* e mesmo o manifesto de Latour (*Jamais fomos modernos*), este que, como os demais citados, apresenta dezenas de enganos que só fazem contribuir para mal-entendidos crescentes de uma produção que, em si, já não é de fácil ou imediata compreensão. Em relação ao *Jamais fomos modernos* (para ficar apenas neste), a Editora 34 corrigiu, a partir da tiragem de 2013 e mediante minhas indicações, alguns dos erros mais graves. Terminei recentemente o cotejo dessa obra e reparei que, infelizmente, há ainda uma quantidade enorme de problemas a serem reparados na tradução. Em novembro deste ano (2016), devo apresentar à referida editora, conforme acertado com seu diretor, cada um desses problemas, de modo a que as próximas tiragens já tenham isso resolvido. Contudo, junto à mesma Editora 34, finalizei há pouco a confecção de texto de orelha e revisão técnica da tradução do livro *Cogitamus – Seis cartas para as humanidades científicas*. Esse trabalho cuidadoso de tradução, espero, já deve contribuir para minimizar as referidas dificuldades de recepção e compreensão desse autor no Brasil e mesmo em outros países de língua portuguesa.

⁵ O LaPod é sediado em minha unidade de origem (IEB/USP) e certificado pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – DGP – do CNPQ. Há cerca de dois anos, convidei a etnóloga americanista Joana Cabral de Oliveira (hoje professora do Departamento de Antropologia da Unicamp) para dividir comigo a coordenação do laboratório e, assim, contribuir, como tem ocorrido, para a entrada dos estudos ameríndios nos *Science & Technology Studies* (esta que é a minha área de especificidade). Também com Joana integro, para semelhantes fins, o corpo de pesquisadores do NAP Centro de Estudos Ameríndios da USP (CESTA/USP), sediado no favo 8 da Colmeia (Cidade Universitária, Butantã, USP).

curso da VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, congresso internacional do qual sou um dos três coordenadores, e que receberá alguns dos autores aqui citados⁶.

Menciono essas minhas atividades aqui para assinalar a trajetória interdisciplinar que me instrui e que tem no IEA um promissor palco de desenvolvimento, inclusive porque os temas ligados aos problemas ecológicos e ambientais de toda ordem têm tomado a agenda desse instituto nos últimos anos. De fato, foi em 2014 que aceitei o convite do IEA para apresentar, em duas oportunidades, conferências sobre temas pertinentes a este projeto ora em tela, que resultaram na publicação de um longo artigo (Marras: 2014) na revista *Scientiae Studia* (ligada ao Departamento de Filosofia da USP)⁷. É importante remeter-me a este artigo porque ele fez avançar o urgente (e tão difícil quanto animador) diálogo efetivamente interdisciplinar. Assim é que pude incorporar nesse artigo derivado da experiência no IEA uma densa e animadora interlocução com o biólogo Charbel-El-Hani (UFBA).

Impactos científicos e sociais

“Como é possível que as ciências humanas ou sociais nunca falem do mundo, como se os grupos permanecessem suspensos no vazio? Como é possível que as ciências ditas duras não tomem os homens em consideração? As suas falhas respectivas evidenciam frontalmente o problema. Como podem os nossos principais saberes continuar a ser hemiplégicos (paralisia em um dos lados do corpo)? Ensiná-las a andar com os dois pés, a utilizar as duas mãos, parece-me um dos deveres da filosofia: como se sabe, em *O Terceiro Instruído* (Filosofia Mestiça) designo como corpos completados os canhotos ditos contrariados e faço o elogio dos mestiços e das misturas de que as filosofias da pureza têm horror.”

Michel Serres (1996:192):

O espanto do filósofo em epígrafe, e cujo pensamento é fortemente retomado por diversos dos autores mencionados neste projeto, já indica, a um só tempo, as justificativas da presente proposta, aí muito bem reiteradas, e seus possíveis impactos científicos e sociais. Se, p. ex., o exame, aqui proposto, desse rol de pensadores puder, com a devida consistência, apontar para uma outra imagem da modernidade, também outra será a imagem dos outros coletivos, já que a alteração da identidade implica a alteração da alteridade, sendo o primeiro termo o controle (no sentido científico-laboratorial) do segundo. Noutra palavras, pode-se perguntar: o que (e como) podemos aprender com esses outros (abusivamente chamados de pré-modernos, tradicionais, primitivos, subdesenvolvidos...) no que se refere aos regimes de troca com o cosmos que agora aparecem como altamente estratégicos, senão decisivos, para os modernos que se veem, de sua parte, como a um só tempo algozes e vítimas das catástrofes e hecatombes ecológicas que se anunciam e se avizinham (Stengers: 2009)? Ou mais: quais outros repertórios (alternativos aos da colonização, naturalização, modernização, tolerância relativista) podem aí emergir e nos permitir aperceber a necessidade emergencial de se alargar o princípio da Troca ou Reciprocidade para além do suposto círculo antropocêntrico dos humanos-entre-eles que fundou a sociologia hegemônica durkheimiana⁸ e da qual somos herdeiros? É daí que o presente projeto vise contribuir para a transição rumo a uma nova sociologia, a uma virada antropológica que ponha em causa os próprios fundamentos aí esposados pela divisão (cada vez mais ineficaz, contraproducente e em todo caso irrealista) entre os ditos domínios da natureza e da sociedade.

Pelo já exposto, uma tal antropologia não antropocêntrica, uma feita à luz dos não-humanos, uma que seja sensível a outras pertinências e outras participações, e que no mesmo movimento exija a abertura das ciências para novos pactos com outros *outros* (tanto outros coletivos humanos quanto outros sujeitos, tais os ditos não-humanos, até então insuspeitados como agentes ativos e mesmo instáveis na composição do cosmos), alimenta a promessa de contribuir para a urgente renovação nas pesquisas e no ensino da antropologia acadêmica⁹, cujo objeto tradicional, doravante, não mais se assentará confortavelmente nos dispositivos intelectuais do relativismo multiculturalista e do absolutismo mononaturalista, estes que instauram uma diferença intransponível entre, p. ex., crença e saber.

⁶ O VI React acontecerá, sob financiamento Fapesp, Capes e Pró-Reitorias de Pós-graduação e Pesquisa da USP, entre 16 e 19 de maio de 2017, no IEB/USP (que também participará do financiamento) e em outras unidades da universidade (cf. <http://www.vireact.org/>).

⁷ Ainda em 2014 no IEA, fiz a mediação do seminário “Narrativas visuais, populares e científicas: povos tradicionais e o desafio da conservação da biodiversidade”.

⁸ As diferenças entre a sociologia de Emile Durkheim e a de seu contemporâneo Gabriel Tarde vêm sendo trabalhadas por vários dos autores mencionados neste projeto. A execução deste implicará necessariamente retomar ponto a ponto essas diferenças. De minha própria lavra, iniciei abordagem desse assunto em Marras:2007.

⁹ Ou dizer brevemente: ensino e pesquisa, produção didática e produção de conhecimento vão juntos. Mas que melhor esperar de uma e outra coisa?

Trata-se, com efeito, de avançar em direção a outros protocolos diplomáticos no momento (este contemporâneo) em que é preciso compor uma “mundo comum”¹⁰ a partir (e não a despeito) das diferenças ontológicas e epistemológicas que os coletivos guardam entre si diante das gravíssimas e crescentes ameaças ecológicas e ambientais que passam a dizer respeito a todos. Mas como reunir todos (ou tantos quanto possível) a partir de suas diferenças, a partir portanto da evidência do “pluralismo ontológico” (Almeida: 2013)? É quando o local e o global são convocados a retraçar suas conexões. Mas é também quando surge a ocasião de se apostar na florescência de uma antropologia *minoritária* ou *menor* - no sentido consignado por Deleuze e Guattari (1995-7) a esse termo. E é quando, finalmente, poderemos nos agarrar em alguma esperança de saída em relação aos impasses da chamada divulgação ou difusão do conhecimento científico, uma vez que esse esforço passe não bem a informar o público mas a compartilhar com ele a produção do conhecimento através da exposição não apenas dos resultados científicos alcançados nas instituições oficiais, mas sobretudo da abertura de controvérsias, incertezas e instabilidades que, a rigor, sempre fizeram a fortaleza da atividade das ciências. Eis como se pode contribuir para devolver dignidade às ciências (Stengers: 2013) ao tempo que prever a devolução das ciências à sociedade a partir do engajamento em torno de um “futuro comum” (Stengers: 2009)¹¹.

- **Áreas do conhecimento**

- Dado que minha área de especialidade é a dos *Science & Technology Studies* (que surge e se desenvolve como eminentemente interdisciplinar), será ela a plataforma teórico-metodológica a partir da qual irei articular as demais disciplinas, e seus diversos ramos, cujos assuntos versam, cada qual a seu modo, sobre a problemática eleita no presente projeto. Essas disciplinas a serem articuladas respondem por diversas vertentes da antropologia, biologia, filosofia, ecologia. Não é por acaso que vários dos autores aqui mencionados tenham sua trajetória marcada por esse trânsito. Apenas como exemplo, lembremos de Donna Haraway (bióloga e filósofa) e Isabelle Stengers (química e filósofa).

-

- **Plano de trabalho e cronograma a ser executado pelo pesquisador**

- **OBS: Conforme conveniência ou interesse do IEA e sua agenda, este Plano e Cronograma podem ser alterados**

- 1) De Julho a Setembro de 2017: levantamento de dados e mobilização bibliográfica para apresentação parcial e discussão de resultados (meados de Setembro em conferência no IEA).
- 2) Fins de Setembro de 2017: consolidação e envio de primeiro artigo para periódicos acadêmicos “Qualis A” em áreas a eleger: interdisciplinar, antropologia e/ou filosofia.
- 3) De Outubro a Dezembro de 2017: levantamento de dados e mobilização bibliográfica para apresentação final e discussão de resultados (meados de Dezembro em conferência no IEA).
- 4) Fins de Dezembro de 2017: consolidação e envio de segundo artigo para periódicos acadêmicos “Qualis A” em áreas a eleger: interdisciplinar, antropologia e/ou filosofia

-

-

- **Elaboração de trabalhos científicos (papers, livros e outros)**

¹⁰ A crise da modernidade, apontada por Stengers e Latour ao longo de suas obras, é antes de tudo uma crise da ideia de “mundo comum”. O cosmos, para Stengers, produz igualdade, mas não equivalência. Daí que o problema da cosmopolítica passa a ser o de como articular mundos. De sua parte, Stengers nota ainda que mais importante do que a tarefa de compor um “mundo comum” é a de pensar a “insistência do cosmos sobre a política”, tal a irrupção, intrusão, insurgência da natureza (aí figurada em Gaia, para assim distinguir-se da já antiga Terra, tomada como exterior, muda e passivamente disposta às manipulações e gerenciamentos de toda ordem).

¹¹ Vale notar desde já que uma importante acepção do chamado por desaceleração toca à própria abertura do conhecimento acadêmico-científico em sua relação com o mundo extra-acadêmico, isto é, com outros modos de conhecer e praticar a realidade a partir de experiências, percepções e tradições locais longamente maturadas (tais os modos ditos tradicionais, como os indígenas). Considerar ciosamente essa pluralidade de modos exige desenvolver uma atenção que, doravante, não mais se apoiará na simples difusão ou divulgação do conhecimento científico acadêmico junto ao público, aí tomado como passivo. A propósito, desenvolvi essa reflexão em Marras: 2016.

Além da publicação dos artigos acima referidos, prevê-se que a presente pesquisa seja uma etapa para ser continuada em Pós-Doc (*University of California*, Santa Cruz) e Livre-Docência (IEB/USP), quando então todas essas etapas deverão ser reunidas em livro.

▪ **Referências bibliográficas**

AKRICH, M.;CALLON, M., LATOUR. B. (éd.). *Sociologie de la traduction: textes fondateurs*. Paris, Mines Paris Les Presses, 2006.

ALMEIDA, Mauro W. B. de. "Caipora e outros conflitos ontológicos". In R@U, Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.1, jan.-jun., pp.7-28, 2013

BATESON, Gregory. *Metadiálogos*. Lisboa: Gradiva, 1996

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. Northvale: Jason Aronson Inc, 1972

BATESON, Gregory. *Mind and Nature. A Necessary Unity*, New York: Dulton, 1979

CALLON, Michel: "Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay". In Law, J.: *Power, action and belief: a new sociology of knowledge?*. London, Routledge, 1986, pp.196-223.

DANOWSKI, D . & VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro [Florianópolis], Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix: *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995-1997

GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. Hillsdale, New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1986.

HARAWAY, D. "Manifesto do ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialismo no final do século XX" IN SILVA, T. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

HARAWAY, D. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago, Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, D. J. *When Species Meet*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2007.

HARAWAY, D. (Tradução de entrevista): "Se nós nunca fomos humanos, o que fazer?" In PontoUrbe, Revista Eletrônica do Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Edição 6, Ano 4, Agosto de 2010, sem paginação. <http://www.pontourbe.net/edicao6-traducao>

INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

INGOLD, T. *Ambientes para la vida: conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología*. Montevideo, Ediciones Trilce, 2012.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *La chute du ciel: paroles d'un chaman yanomami*. Paris, Terre Humaine, Plon, 2010.

LATOUR, B. - *Nous n'avons jamais été modernes. Essai d'anthropologie symétrique*. Paris, La Découverte, 1991.

LATOUR, B. *Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches*. Paris, Synthélabo Groupe, 1996

LATOUR, B. e WOOLGAR, S. *A vida de laboratório – a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumar, 1997

LATOUR, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora UNESP, 2000

- LATOUR, B *A esperança de Pandora – ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: Edusc, 2001
- LATOUR, B (Entrevista a Renato Sztutman e Stelio Marras): “Por uma antropologia do centro”, In: Revista Mana: Estudos de Antropologia Social 10(2). Rio de Janeiro: Museu Nacional/PPGAS/UFRJ, 2004
- LATOUR, B. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. New York, NY: Oxford University, 2005
- LATOUR, B. *Face à Gaïa: Huit conférences sur le nouveau régime climatique*. Paris, La Découverte, 2015.
- LATOUR, B. – *Cogitamus – seis cartas sobre as humanidades científicas*. São Paulo, Editora 34, 2016.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Les structures élémentaires de la parenté*. Mouton: La Haye, 1967.
- LÉVI-STRAUSS, C. “Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss”. In: MAUSS, M. *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1977
- MANIGLIER, Patrice: “Un tournant métaphysique?”, em Critique: Revue générale des publications françaises et étrangères, número 786. Paris, Les Éditions de Minuit, 2012.
- MARRAS, S. *Tarde reconquistado*. São Paulo: Novos Estudos Cebrap, n. 78, São Paulo, Julho 2007.
- MARRAS, Stelio. *Recintos e evolução: capítulos de antropologia da ciência e da modernidade*. Tese (Doutorado). em Antropologia Social). São Paulo: PPGAS/FFLCH/USP, 2009.
- MARRAS, S. “Virada animal, virada humana: outro pacto”. In *Scientiae Studia – Revista Latino-Americana de Filosofia e História da Ciência*. São Paulo, Departamento de Filosofia, FFLCH/USP, Vol.12, No.2, Abril-Junho, 2014.
- MARRAS, STELIO. *Da inocência do método ao método do idiota*. In: Leila M. B. de Albuquerque; Rodolfo F. Puttini. (Org.). *Questões sobre a ética e a inocência do método*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2015, v. 1, p. 43-60.
- MAUSS, M. *Essai sur le Don*. In: *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1950.
- MAYR, Ernst. *Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MOL, Annemarie: “Ontological politics. A word and some questions.” In Law, J. & Hassard, J.: *Actor network theory and after*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- MONOD, Jacques: *O acaso e a necessidade. Ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PRIGOGINE, Ilya 1996. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora Unesp.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques: *O contrato social – e outros escritos*. São Paulo, Editora Cultrix, 1995 [1762]
- SERRES, M. *Diálogo sobre a ciência, a cultura e o tempo – conversas com B Latour*. Lisboa, Inst Piaget, 1996.
- SERRES, M. *O mal limpo: poluir para se apropriar?* RJ, Bertrand Brasil, 2011.
- SHAPIN, Steven & SCHAFFER, Simon. *Leviathan and the air-pump: Hobbes, Boyle, and the experimental life*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

SIMONDON, Gilbert. *L'individu et sa genèse physico-biologique*. Grenoble: Jérôme Millon, 1995.

SIMONDON, G: *Deux leçons sur l'animal et l'homme*. Paris, Ellipses, 2004.

PRIGOGINE, I & STENGERS, I. *La nouvelle alliance: métamorphoses de la science*. Paris, Gallimard, 1979.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: Espumas*. Editorial Siruela, Barcelona, 2005

STENGERS, Isabelle. "Discipline et interdiscipline: la philosophe de « l'écologie des pratiques interrogée: Entretien avec Isabelle Stengers". In *Natures Sciences Sociétés*, Volume 8, Issue 4, October–December 2000, Pages 57-63

STENGERS, Isabelle: *Cosmopolitiques VII. Pour en Finir Avec la Tolérance*. Paris: La Découverte, 2001.

STENGERS, Isabelle: *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.

STENGERS, I et BENSUADE-VINCENT, B.) – *100 mots pour commencer à penser les sciences*. Paris, Les Empêcheurs de penser en rond/Le Seuil, 2003.

STENGERS, I. & Pignarre, P. *La sorcellerie capitaliste. Pratiques de désenvoûtement*. Paris, La Découverte, 2005

STENGERS, Isabelle. "La Proposition Cosmopolitique". In: Lolive, J. - Soubeyran, O. (orgs.). *L'Émergence des Cosmopolitiques*. Paris: La Découverte, pp. 45-68, 2007.

STENGERS, I.: *Au temps des catastrophes: résister à la barbarie qui vient*. Paris, La Découverte, 2009.

STENGERS, I. *Une autre science est possible! Manifeste pour un ralentissement des sciences*. Paris, La Découverte, 2013.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia — e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify, 2007

Uexküll, J. von. *A foray into the worlds of animals and humans / A theory of meaning*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2010.

VELHO, Otávio. "De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico". Rio de Janeiro, *Revista Mana*, vol. 7, no.2, Outubro de 2001.

VIVEIROS DE CASTRO, E. (entrevista): O que se vê no Brasil hoje é uma ofensiva feroz contra os índios". In <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/eduardo-viveiros-de-castro-que-se-ve-no-brasil-hoje-uma-ofensiva-feroz-contra-os-indios-17261624>. 22/08/2015

VARGAS, E. V.: *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2000.

WHITEHEAD, Alfred North. *O conceito de natureza*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.